

2. A Questão Joanina

2.1. A Pesquisa do Quarto Evangelho

Quanto à questão geral da pesquisa joanina, existe uma vasta bibliografia sobre o assunto, como introduções ao NT, panoramas de congressos e enciclopédias, bibliografias e revistas.⁹ É clássico o texto organizado por M. De Jonge¹⁰, buscando renovar os estudos sobre o Quarto Evangelho à luz das novas questões trazidas a partir do avanço das pesquisas exegéticas, depois das descobertas de Qumran e Nammadi.

Léon-Dufour¹¹ deixou de lado o estado da questão e centralizou seu estudo nos métodos implicados pelas diversas leituras dos comentadores, expondo sobre a unidade do evangelho de João. Como, em sua opinião, as perspectivas diacrônica e sincrônica não são exclusivas, ele propõe descrever a evolução das leituras segundo esses dois tipos de enfoques. Ele começa com a leitura diacrônica, por ser ela a mais antiga na pesquisa joanina., como veremos a seguir:

2.2.1. Perspectiva Diacrônica

Contém dois modos: segundo a origem do texto influenciado por diversas tradições (*Traditionsgeschichte*); ou segundo a possibilidade para determinar com

⁹ Citamos MENOUD, P. H., *L'Évangile de Jean d'après les recherches récentes*, 1947²; *Les études joh.* de Bultmann a Barret, em *Ev. de Jean*, 1958, p. 11-40; BELLE, G. V. *Johannine Bibliography 1966-1985. A Cumulative Bibliography on the Fourth Gospel*. Collectanea Biblica e Religiosa Antiqua I, 1988.

¹⁰ Cf. JONGE, M. De, *L'Évangile de Jean, Sources, Rédaction, Theologie*, p. XLIV

¹¹ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Où en est la recherche johannique?* in A. Marchadour (ed), *L'Origine et Postérité del'Évangile de Jean*, p. 17-41.

maior ou menor precisão a veracidade dos documentos que se referem ao texto atual.

A- As Tradições subjacentes:

a) Helenismo: pode-se citar os trabalhos sintéticos de Dodd¹² Em nossos dias, o interesse pela leitura helenista diminuiu; mas a recensão feita por Mollat¹³ ainda guarda o seu valor.

b) Gnosticismo: é o favorito dos críticos¹⁴, principalmente depois das descobertas de *Nag Hammadi*. Sua influência sobre João é sempre reconhecida, pelo menos quando se aceita a existência de uma gnose pré-cristã. Porém, falar de uma dependência estrita seria, sem dúvida, um exagero, como observou Schnackenburg¹⁵.

c) Judaísmo: é a fonte principal de João, onde o AT ocupa um lugar privilegiado. São conhecidos os estudos de Braun¹⁶ e Feuillet¹⁷. Uma tese sobre as citações bíblicas é proposta por Freed¹⁸. Com relação ao tema "Qumran", este ocupa um lugar de destaque nas pesquisas. Temos, então, a coletânea editada por Charlesworth¹⁹. Sobre a relação de João com o judaísmo em geral, o trabalho de

¹² Cf. DODD, C. H., *L'Interpretation du IV évangile*, 1975.

¹³ Cf. MOLLAT, D., p. 422-442.

¹⁴ Uma maneira clássica de considerar a relação do joanismo à gnose estrutura o problema da seguinte forma: os discursos e os diálogos do 4º Evangelho são empréstimos das representações do judaísmo helenístico e de uma visão de mundo análoga "aquela da gnose. Cf. VOUGA, F., *Jean Et La Gnose*, p. 107-125.

¹⁵ Cf. SCHNACKENBURG, R., *Joh.*, I, p. 433-447.

¹⁶ Cf. BRAUN, F. M., *Jean le Théologien* II.

¹⁷ Cf. FEUILLET, A., *Études Johannique*, p 77-88.

¹⁸ Cf. FREED, E. D., *Old Testament Quotations*, p. 62-73.

¹⁹ Cf. CHARLESWORTH, J. H. (ed.), *John and Qumran*, 1972.

Barret é um excelente ponto de partida²⁰, sendo necessário, porém, completá-lo com outros estudos, principalmente quanto ao problema da relação do evangelho com os judeus²¹.

d) Cristianismo: quanto às tradições cristãs, um primeiro passo são os estudos de Martyn²² e Brown²³, uma vez que o conhecimento da comunidade joanina contribue para precisar a natureza do texto de João. Percebemos, então, duas dimensões, aquela do tempo de Jesus de Nazaré e aquela do tempo do evangelista²⁴. Na perspectiva da *Traditionsgeschichte*, o trabalho fundamental é o de Gardner-Smith²⁵, negando toda dependência literária imediata de João com relação aos Sinóticos. Lindars²⁶ também está convencido de que é impossível provar esta dependência literária; a intervenção de uma fase de tradição oral para ele seria indispensável.

B- A Descoberta de Documentos Fontes

Segundo Bultmann²⁷, três fontes principais podem ser encontradas graças aos critérios estilísticos (estrutura, ritmo...) ou teológicos: *Redequelle*, *Semeiaquelle* e

²⁰ Cf. BARRET C. K. *The Gospel According to St. John*, 1978².

²¹ Cito aqui as obras de POTTERIE, I. de la, em **Bib 64**, p. 74-115; HICKLING, C. J. A., em *L'Ev. Jn*, p. 347-354. Sobre a relação com o rabinismo, BOWMAN, J., *The IVth Gospel and the Jews*.

²² Cf. MARTYN, J. L., *History and theology in the Fourth Gospel*.

²³ Cf. BROWN, R. E., *La Communauté du disciple bien-aimé*.

²⁴ Quanto a esses "dois tempos de leitura" do evangelho, temos LÉON-DUFOUR, X., *Actualité du IV^e évangile*, p. 449-468; Também MARTYN, J. L., *Glimpses into the History*, p. 149-175.

²⁵ Cf. GARDNER-SMITH, P., *St. John and the Fourth Gospel*.

²⁶ Cf. LINDARS, B., *Behind the Fourth Gospel*, p. 9-113.

²⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Où en est la recherche johannique?*, p.23-24.

fonte da Paixão²⁸. Sobre a reunião destas fontes, o redator teria dado sua própria orientação. A seus olhos, uma evidência se impõe: a interpretação varia segundo se prefere um enfoque diacrônico ou sincrônico.

2.2.2. Perspectiva Sincrônica

Cada vez mais numerosos são os críticos que se ligam ao texto em seu estado atual, mesmo reconhecendo a existência de "fontes" utilizadas por João. Essa perspectiva sincrônica se efetua de diversas maneiras, dentre elas, Léon-Dufour²⁹ distingue três: histórico-crítica, literária e semiótica.

a) Histórico-crítico : Busca o significado do texto nele mesmo, utilizando os meios clássicos da análise literária assim como os dados sociológicos relativos ao meio onde foi formado o texto³⁰.

b) Literária: uma abertura ao enfoque literário é dada pela obra de David W. Wead³¹. Para ele, o termo "plano" compreende o modo de pensar e os procedimentos literários pelos quais João se exprime. Examina, assim, o caso do duplo significado, o uso da ironia e a presença da metáfora. Na mesma direção, uma outra obra fundamental é aquela de Olsson³², de cunho estruturalista. Belle,

²⁸ Sobre estes critérios, cf. FORTNA, R. T., *The Gospel of Signs. A Reconstruction of the Narrative Source Underlying the Fourth Gospel*, Cambridge, p. 290-291; BELLE, G. van, *De Semeia-bron in het vierde evangelie*; CARSON, D. A., *Current Source Criticism of the IVth Gospel*, p. 411-429; BOISMARD M-E.; LAMOUILLE, A., *L'Évangile de Jean. Commentaire*; NEIRYNCK, F., *Jean et les Synoptiques. Examen critique de l'exégese de M. É. Boismard*, p. 283-284.

²⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Où en est la recherche johannique?*, p. 27-36.

³⁰ A questão do autor do 4º Evangelho perdeu um pouco de seu valor. Sobre o assunto, COTHENET, E., *La tradition johannique*, p. 191; CULPEPPER, A., *The Johannine School*, Missoula, p. 287-289. Ao contrário, a confrontação do Evangelho com os judeus e com o mundo constitui um centro de interesse da crítica. Podemos citar WHITAGE, R. A., *Johannine Polemic. The role of Tradition and Theology*.

³¹ Cf. WEAD, D. W., *The Literary Devices in John's Gospel*.

³² Cf. OLSSON, B., *Structure and Meaning in the Fourth Gospel*, p. 453-455.

por sua vez, faz um estudo dos "parênteses" no evangelho de João, onde explica que as interrupções, os incisos e as quebras no texto são para explicar uma palavra ou um uso judaico, para completar a informação sobre algum personagem ou lugar, ou mesmo para dar uma informação complementar³³.

S. Panimolle³⁴, um fiel discípulo de I. de la Potterie, redigiu um imenso comentário de João onde cada passagem seria "quiástica" (o trabalho é, no entanto, um pouco cansativo). Enfim, quanto a presença de quiasmos no Prólogo, existem ainda as obras de I. de la Potterie³⁵ e Culpepper³⁶. No entanto, sem negar todo o valor da função dos quiasmos, o mais urgente seria estabelecer os critérios³⁷. Em relação às parábolas, como bem diz Cerfaux³⁸, ela é propriamente um aspecto da revelação. Já uma leitura simbólica do evangelho é feita por Léon-Dufour³⁹, precisamente no sentido de que uma operação simbólica não consiste somente em descobrir um sentido escondido em uma imagem empregada, mas sim em entrar em comunicação com o autor e com os judeus do tempo de Jesus.

³³ Cf. BELLE, G. van, *Les Parenthèses dans l'évangile de Jean. Aperçu historique et classification*, p. 86-87.

³⁴ Cf. PANIMOLLE, S., *Lettura pastorale del Vangelo di Giovanni*, p. 266-268.

³⁵ Cf. POTTERIE, I. de La, *Structure du Prologue de saint Jean*, NTS 30, p. 354-381.

³⁶ Cf. CULPEPPER, A., *The Pivot of John's Prologue*, NTS 27, p. 1-31. Ele também se esforça em aplicar a "crítica narrativa" ao evangelho de João em A. CULPEPPER, *Anatomy of the Fourth Gospel. A Study in Literary Design*, Philadelphie, 1983 (cf. RSR 73 [1985], 249-253), onde o texto teria, mais do que uma função cognitiva, uma "dimensão afetiva".

³⁷ Cf. os ensaios de MEYNET, R., *Initiation à la rhétorique biblique*, 1982.

³⁸ Cf. CERFAUX, L., *Le thème littéraire parabolique dans l'év. de Jean* (1947), em *Recueil L. Cerfaux*, II, p. 17-26 e III, p. 123-138.

³⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Towards a Symbolic Reading of the Forth Gospel*, NTS 27, p. 439-456.

c) **Semiótica** : existem numerosos tipos do método semiótico, entre os quais os empreendidos por Calloud e Genuyt⁴⁰. Uma leitura do cap. 8 de João abordando o difícil problema da relação dos métodos clássicos com o método estruturalista foi feita por H. Lona⁴¹.

2.1.3.

Apresentações globais

A- A Estrutura do Evangelho:

A estrutura do evangelho de João continua a ser diversamente proposta. Mlakuzhyl⁴² publicou uma tese contendo as diversas opiniões sobre a estrutura do evangelho; ao todo, foram vinte e quatro categorias. Cada estrutura é longamente apresentada e rapidamente criticada. Esta obra mostra um balanço das pesquisas atuais e o risco de se generalizar uma descoberta particular, como aquela do número 7⁴³.

B- As perspectivas teológicas

As perspectivas teológicas são as mais variadas. No que diz respeito à cristologia, os partidários da diacronia continuam a descobrir uma "cristologia popular" e uma "cristologia de alto nível". O "docetismo ingênuo", que caracteriza a visão joanina de Jesus Cristo segundo Käsemann é sempre o objeto de discussões. Um aspecto mais interessante é a apresentação de Jesus essencialmente

⁴⁰ Cf. CALLOUD, J.; GENUTY, F., *L'Évangile de Jean. Lecture semiotique*, L'Arbresle, Jn 13-17 (1985), Jn 7-12 (1987), Jn 1-6 (1989); id., *L'analyse structurale du récit*, em *Foi et Vie* 73 (1974), p. 13-27.

⁴¹ Cf. LONA, H., *Abraham in Johannes 8. Ein Beitrag zur Methoden-Frage*, (cf. **RSR** 68 [1980], p. 295-298).

⁴² Cf. MLAKUZHYL G., *The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel*, *Analecta Biblica* 117.

⁴³ Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Où en est la recherche johannique?* in **LD** 143, p. 37.

ligado a Deus Pai.; a interpretação da fé segundo João é visto no sentido de que ele não se refere simplesmente a Jesus de Nazaré, mas ao Filho de Deus, que quer dizer, a Deus mesmo⁴⁴.

I- Perspectiva Diacrônica

Numa perspectiva diacrônica, a pesquisa joanina, dos últimos 50 anos, pode partir do grande comentário de R. Bultmann, publicado em 1941. São as três questões fundamentais⁴⁵:

a) A utilização das fontes

Por trás do 4º Evangelho, Bultmann⁴⁶ vê a presença de três fontes maiores:

- em relação aos sinais (*Semeiaquelle*);
- em relação aos discursos da revelação (de tom gnóstico);
- em relação às narrativas da Paixão e da ressurreição.

b) A pluralidade das etapas redacionais

Bultmann⁴⁷ distingue aqui três etapas:

- aquela das fontes;
- aquela do evangelista, imprimindo sua marca própria;
- aquela do redator final ou "redator eclesiástico", cuja intervenção buscaria imprimir ao evangelho uma orientação mais "ortodoxa".

⁴⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, X., *Où en est la recherche johannique?* in **LD 143**, p.38-40.

⁴⁵ Cf. GOUGES, M., *Cinquante ans de recherche johannique*, **LD 163**, p. 229-306.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 231.

⁴⁷ Cf. GOUGES, M., *loc. cit.*

c) A independência com relação aos Sinóticos

Quanto à dependência de João com os escritos sinóticos, Bultmann é de opinião que os evangelhos Sinóticos não teriam influenciado o cap. 21 do evangelho joanino⁴⁸.

A- A Relação entre João e os Sinóticos

D. M. Smith⁴⁹ (1963) notou um consenso crescente que tende a minimizar, senão negar, uma dependência ou uma utilização dos Sinóticos por parte de João. Durante o período de 1960-1975 são publicados numerosos comentários importantes que rejeitaram, por fim, a idéia de uma dependência direta de João em relação aos Sinóticos (Brown, Schnackenburg, Morres, Sanders, Mastin, Lindars, Schulz).

Os autores preferem, assim, inclinar-se por uma dependência em relação às fontes, orais ou escritas (como defende Dodd), independentes dos Evangelhos Sinóticos. F. Neirynek⁵⁰ (1977), no entanto, concluiu que João não tinha por fonte as tradições subjacentes aos evangelhos Sinóticos, mas os evangelhos Sinóticos mesmo (também Dauer e Vouga). Como observou Beutler⁵¹ (1990), a maior parte dos autores aceitam a independência do 4º Evangelho em relação aos evangelhos Sinóticos tal como nos são conhecidos. Smith escreveu, em 1982: "O mistério da relação de João com a tradição Sinótica pode sempre continuar a dividir as pesquisas, porém, duas coisas são certas: existe uma relação e ela é misteriosa."

⁴⁸ Loc. cit.

⁴⁹ Ibid., p. 232.

⁵⁰ Ibid., p. 235.

⁵¹ Ibid., p. 236.

B- As Fontes de João

O uso que o 4º Evangelho faz do Antigo Testamento pode dar uma idéia da liberdade de João em relação às suas fontes. Há também a identificação de adições e duplicatas que indicam a utilização de fontes ou etapas redacionais⁵².

C- A História da Redação

Tanto Bultmann como Thyen sustentam a idéia de uma redação em duas etapas maiores com uma das fases com orientação gnóstica. A questão da gnose em relação a João foi muito procurada na época de Bultmann, no entanto, foi pouco a pouco considerada ultrapassada. Para Brown, há 5 etapas a partir de uma etapa oral e no interior de uma mesma escola(embora reconheça naturalmente o caráter hipotético desta proposição)⁵³:

- 1- O apóstolo: transmissão oral que remonta ao discípulo amado;
- 2- Os discípulos: princípio dos escritos;
- 3- O Evangelista (1ª etapa): primeira edição do Evangelho a partir dos materiais reunidos na etapa precedente;
- 4- O Evangelista (2ª etapa): segunda edição com materiais novos e tom duro em relação aos judeus;
- 5- O Redator.

Para Culpepper⁵⁴, os escritos joaninos foram compostos no interior de uma comunidade joanina por um grupo próximo ao discípulo amado. Os escritos foram utilizados pela comunidade para o culto e a catequese. A unidade literária do evangelho pode assim ser explicada pelo trabalho criador do evangelista sobre o

⁵² Cf. GOUGES, M., *Cinquante ans de recherche johannique*, LD 163, p. 239.

⁵³ Ibid., p. 248-250.

⁵⁴ Ibid., p. 251.

material que ele dispunha. Outros estimam, porém, que para explicar a unidade literária de João, a hipótese de uma mesma escola é insatisfatória e que a única explicação válida é aquela de um só e mesmo autor. A princípio, a unidade estilística é compatível com uma pluralidade de autores e de camadas redacionais, como bem evidencia Boismard e Lamouille. Thyen (e de modo semelhante também Richter) propõe a distinção entre: *Idiolekt*: estilo, linguagem e temática particulares a uma pessoa; e *Soziolekt*: estilo, linguagem e temática particulares a um grupo. Segundo Ruckstuhl, o estilo que se constata uniforme de um extremo a outro do Evangelho não pode ser o de um grupo (*Soziolekt*), mesmo muito homogêneo, mas somente aquele de um indivíduo (*Idiolekt*). Boismard propôs um estudo diacrônico das citações e alusões segundo a distinção de quatro etapas da redação do texto⁵⁵.

D- A Comunidade Joanina

A unidade de conjunto, do ponto de vista estilístico, literário ou teológico, leva a postular um desenvolvimento homogêneo atribuído, senão a um mesmo autor, ao menos a um meio ou a uma "escola joanina". As semelhanças e diferenças que se constatarem entre o Evangelho e as três epístolas joaninas atestam igualdade em favor de uma mesma hipótese. E. Renan utilizou pela primeira vez, em 1863, a expressão "escola joanina". Richter procurou reconstruir a história da comunidade joanina a partir dos diversos acentos teológicos presentes em João⁵⁶:

- 1- Escatologia futura e cristologia conforme a expectativa de Israel;
- 2- Escatologia realizadas e cristologia do Filho de Deus;
- 3- Anti-docetismo.

⁵⁵ Cf. GOUGES, M., *Cinquante ans de recherche johannique*, LD 163, p. 253; BOISMARD, M. - E., *Synopse, III, L'Évangile de Jean*, Paris, p. 62. R. CHNACKENBURG reuniu no tomo IV de seu comentário (Herder, 1984) dois estudos sobre as citações da Escritura por João.

⁵⁶ Cf. GOUGES, M., op. cit., p. 258-259.

Esses diversos aspectos poderiam caracterizar quatro comunidades, todas rompidas com a sinagoga, mas com tendências diferentes⁵⁷:

- 1- Judeus-cristãos;
- 2- Cristãos joaninos;
- 3- Cristãos docetas;
- 4- Anti-docetas.

Cada uma comunidade contribuiu para a elaboração final do evangelho a partir de um mesmo evangelho primitivo (*grundschrift*). Tanto Richter como Martyn vêm na expulsão da sinagoga o ponto que situa a origem da fragmentação da comunidade. Para Brown, o texto final é como uma autobiografia da comunidade joanina. O fato da oposição em relação aos "judeus" dominar os caps. 5-12 e a oposição em relação ao "mundo" dominar os caps. 14-17, reflete, sem dúvida, duas etapas sucessivas da experiência da comunidade. Sobre a história e a fisionomia da comunidade joanina, ao menos sobre o que se pode dizer para o momento, é que não existe um consenso nem sobre a identidade dos elementos "reveladores", nem sobre sua interpretação e nem sobre sua articulação⁵⁸.

II- A Perspectiva Sincrônica

Após 1960, começou a ser aplicado ao 4º Evangelho diversas perspectivas de leitura sincrônica⁵⁹.

⁵⁷ Cf. GOUGES, M., *Cinquante ans de recherche johannique*, LD 163, p. 259-260.

⁵⁸ Ibid., 262-263.

⁵⁹ Ibid., p. 264.

A- A Análise Narrativa (ou Narratologia)

A designação varia, ora "crítica ou análise narrativa", ora "crítica ou análise retórica", ora "narratologia". O objetivo de um texto não é somente de ordem cognitiva, mas também de ordem afetiva. E para provocar uma reação em seu leitor, o autor terá que recorrer a um certo número de procedimentos ou estratégias que a narratologia se esforça para descobrir, quando traça o seu papel e o seu funcionamento. Um primeiro esforço de sistematização se deu após 1970, por D. W. Wead, que estudou o duplo sentido (em Jo 3), a ironia (em Jo 4) e a metáfora (em Jo 5) e o mal-entendido⁶⁰.

B- A Análise Estrutural

Também chamada de "leitura retórica". O objetivo consiste, num primeiro momento, em descobrir a estrutura em que os autores arrumam seus materiais para dar sentido ao texto. Os elementos são: antítese, sinonímia, ligações sintáticas, quiasmo, etc. Segundo M. Girard, João se apresenta segundo uma estrutura em sete semanas correspondendo aos sete dias da narrativa da criação em Gn 1⁶¹.

C- A Análise Estrutural ou Semiótica

Foi aplicada à Bíblia a partir dos anos 1970. Interessa-se pelo texto em sua etapa final, tal qual ele se dá a ler⁶².

⁶⁰ Cf. GOUGES, M., *Cinquante ans de recherche johannique*, LD 163, p. 269-275.

⁶¹ Ibid., p. 276.

⁶² Ibid., p. 285.

